



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia pelos 60 anos de fundação da Cobrasma, atuais Flanaço e Amsted Maxion

Osasco-SP, 03 de setembro de 2004

Meu caro governo do estado de São Paulo, Geraldo Alckmin,
Meu caro deputado João Paulo Cunha, presidente da Câmara dos Deputados,
Meu querido senador da República, líder do governo, Aloízio Mercadante,
Meu querido senador da República Eduardo Suplicy,
Meu querido companheiro Ricardo Berzoini, ministro do Trabalho,
Meu caro Carlos Roberto Seicentos, diretor geral do Grupo Flanel,
Meu caro Ivoncy Iochpe, presidente do Conselho de Administração da Maxion,
Meu caro Jorginho, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco,
Meu caro Luiz Eulálio Bueno Vidigal, presidente da Cobrasma,
Meu querido Inácio Pereira Gurgel, nosso querido poeta da cidade de Osasco,
Meu querido Ibrahim,
Meu querido Roque,
Magrão,
Zaratini,
Companheiro Salim, presidente da CGT,
Companheiro Juruna, presidente da Força Sindical,
Meu companheiro Giba, delegado regional do trabalho do Estado de São Paulo,
Trabalhadores,



Cida, não sabia que o João Paulo trazia marmitta para você. Ele devia comer metade no caminho.

Meus queridos trabalhadores e trabalhadoras de Osasco,

Eu penso que se não tivesse nenhum discurso, para ouvir as coisas bonitas que nós ouvimos aqui, eu voltaria para Brasília radiante e feliz com o espetáculo que eu vi dentro da fábrica, quando os funcionários estavam com as suas lixadeiras, a lixar as peças brutas que tinham sido fundidas nesta própria empresa.

Eu aprendi muito cedo que não tem nada que dê mais orgulho e mais cidadania ao ser humano do que ele trabalhar. Não tem nada mais sagrado para uma mulher, sobretudo se ela for chefe de família, ou para um homem, se ele tem um emprego, se por esse emprego recebe o seu salário e, se com o seu salário ele leva o que comer e o que vestir para a sua família.

Tendo isso, e tendo saúde, nós nos sentimos realizados. E, tendo isso, nós até conquistamos o direito de brigar por um pouco mais. Porque, se o Jorginho prometeu a alguém aqui que não ia fazer greve, pode saber que eu espero que não seja preciso. Eu espero que as coisas andem tão bem entre vocês, que fiquem o Jorginho e o meu amigo Seicentos vivendo a fase “paz e amor”, gerando mais empregos aqui, fazendo os acordos necessários, até porque a greve nunca foi e nunca será a razão primeira da ação do sindicato, sempre se tenta negociar e sempre é importante que se encontre.

Mas eu acho que o que nós estamos vendo aqui é o cumprimento, meu caro lochpe, de uma lição que todos nós temos que aprender na vida: as coisas simples são as coisas que têm resultado mais imediato, são as coisas que podem trazer soluções mais imediatas.

Houve um tempo, no Brasil, e não é culpa de qualquer governante, individualmente, mas era uma doutrina que começava a se espalhar pela universidade, pela imprensa, pelos governantes, por muitos empresários, de



que a globalização colocava o Brasil num patamar em que o Brasil não precisaria produzir coisas que eram consideradas essenciais para nós. E a cabeça de alguns dirigentes, possivelmente com preguiça de pensar alternativas, vão aceitando as teorias com a maior facilidade. Por exemplo: quando se introduziu a indústria automobilística no Brasil, que foi um passo muito importante para a nossa história e para o nosso desenvolvimento e o primeiro grande setor industrial de ponta que veio para o nosso país, nós não precisaríamos ter acabado com as ferrovias. Era plenamente possível ter as rodovias e manter as nossas ferrovias. Entretanto, algum ideólogo da burrice entendeu que era preciso destruir uma para poder construir a outra.

E passados 50 anos, o que nós estamos percebendo? Ou seja, nós não precisamos apenas das duas, nós precisamos, agora, de três. Nós precisamos fazer uma combinação perfeita entre hidrovía, ferrovia e rodovia, criando um sistema intermodal de transporte que possa fazer fluir a um custo muito mais baixo a riqueza que o nosso povo é capaz de produzir.

Eu me lembro que durante muito tempo se dizia que o Brasil não conseguiria fazer algumas coisas que nós hoje estamos descobrindo que é possível fazer. Eu comprei uma briga, até quase que pessoal, para provar que era possível construir no Brasil as plataformas que a Petrobrás faz. Chegaram a fazer matérias pagas nos jornais, dizendo que era um ledão engano meu, porque o Brasil não tinha estaleiro e não tinha tecnologia para fazer as plataformas aqui.

Eu sou brasileiro e não desisto nunca. Sou tinoso e fui atrás das coisas. Fui atrás da Petrobrás, fui atrás da indústria naval, fui atrás de entidades de engenharia, até me certificar que o Brasil tinha condições. E, hoje, nós estamos produzindo as plataformas aqui, no Brasil. E pelo menos dois novos estaleiros estão se instalando no nosso país. E os dirigentes sindicais que estão aqui, não importa se da Força Sindical, da CUT, da CGT, da CGTB, são testemunhas de que a indústria naval brasileira está recuperada. O nosso país,



ao destruir a nossa Marinha Mercante, assumiu um compromisso de fazer uma dívida de transporte das coisas que nós produzimos ou compramos, de quase 8 bilhões de dólares ao ano. Muitas vezes, vieram ao Brasil navios com bandeiras estrangeiras trazendo trabalhador escravo, para empresas de outras bandeiras, quando poderíamos estar trabalhando dentro de navios brasileiros, construídos por brasileiros, com trabalhadores brasileiros, gerando renda para brasileiros e gerando riqueza para brasileiros.

E mais ainda, estamos recuperando a Nuclepe, que é uma empresa de engenharia da maior qualidade, meu querido lochpe. E aquilo que parecia impossível, nós vamos produzir o casco também aqui, no Brasil, para mostrar que o nosso país já tem maioria e que ele não precisa ficar dependente das coisas que nós sabemos fazer.

Eu me lembro que no mês passado eu fui a Rondônia, e fui a Rondônia por uma coisa muito simples, parece pequeno mas, como eu acredito nas coisas pequenas e nos pequenos gestos, eu fui porque os produtores de feijão, ligados à família, à agricultura familiar, estavam recebendo uma oferta do mercado, meu caro Jorginho, de apenas 28 reais pela saca do feijão.

E nós, que recuperamos a CONAB, que estava destrocada, fomos a Rondônia e oferecemos 60 reais pela saca. E compramos 11 mil sacas de feijão a 60 reais. Os empresários, que estavam comercializando e comprando para os supermercados, por 28 reais, foram obrigados a elevar o preço para 50. Quando eles elevaram para 50, e nós entendemos que o preço foi justo, nós retiramos o governo e deixamos que a agricultura familiar se entendesse com o mercado. E isso vale para tantas coisas que nós fazemos neste país.

Quando o lochpe, no avião, me disse: “Presidente, não é possível, eu tenho uma fábrica, quero produzir vagão e estou sabendo que autorizaram a compra de vagão importado, velho, para a gente reformar aqui. O Brasil pode produzir isso”. No mesmo dia nós resolvemos o problema. E fico feliz por ele ter tido a sensibilidade de me falar, porque se não me fala, eu não saberia. E



não saberia porque, muitas vezes, a coisa acontece, dentro do governo, como acontece, às vezes, na casa da gente, com os nossos filhos, e a gente fica sabendo muito tempo depois. Então, é preciso sempre que as pessoas digam.

E, por conta disso, por conta da sua coragem, Carlos Seicentos, por conta da coragem e da sensibilidade dos trabalhadores e dos sindicatos é que nós estamos aqui, hoje, inaugurando, muito mais do ponto de vista sentimental, o retorno à produção no prédio de uma empresa símbolo desta cidade, que é a Cobrasma, inaugurando uma produção que vai gerar empregos e riqueza para esta cidade e para o nosso país.

Isso pode ser feito em muitos outros lugares. Nós, meu caro lochpe, meu caro Vidigal, e meu caro Carlos Seicentos, hoje, temos consciência de como estão os portos brasileiros. Nós, hoje, temos consciência de como estão as nossas estradas. E nós, hoje, temos mais consciência de como estão as nossas ferrovias.

Acontece que se as exportações brasileiras não tivessem batendo recorde atrás de recorde, se o agronegócio não tivesse o desempenho extraordinário que teve nesses últimos anos, possivelmente a gente continuaria achando que estava tudo maravilhoso. Mas, bastou crescerem as exportações para a gente perceber que tem que trabalhar, da forma mais urgente possível, para não ter prejuízo na nossa política de exportação, ou mesmo na política de atendimento do mercado interno, por conta do gargalo.

E, aqui, eu quero fazer uma autocrítica aos trabalhadores: eu me lembro que quando se começou a construir a Ferrovia Norte-Sul eu era Constituinte. E eu fiz muitas críticas à construção da Ferrovia Norte-Sul, dizendo que ela não era uma obra prioritária. Muitas vezes, nós achamos que a obra prioritária é apenas aquela que atende às nossas necessidades imediatas. Mas uma hidrelétrica que vai produzir energia daqui a cinco anos é prioritária hoje, porque se não começarmos hoje ela não vai produzir energia. A Ferrovia Norte-Sul, desde 1986, quando ela começou, até hoje não foi feito mais nada. E nós



precisamos terminar. Vai aparecer alguém aí dizendo que não é prioridade, mas é prioridade. Porque é prioridade nossa interligar esse nosso querido país por todos os espaços que nós temos para as ferrovias, para rodovias e para as hidrovias, levando em conta o respeito ao meio ambiente e à preservação ambiental. E isso é urgente. Para isso mandamos para a Câmara um projeto de lei que estabelece a Parceria Público-Privada, e que está demorando um pouco para ser votado.

Ainda nesta semana chamei o companheiro Aloízio Mercadante, chamei o João Paulo, chamei o presidente Sarney e conversei com eles sobre a necessidade de nós votarmos isso o mais urgente possível. Porque se o Estado não tem dinheiro orçamentário para fazer as obras necessárias, nós temos que fazer parcerias, porque o Brasil não pode ficar esperando o Estado ter dinheiro para fazer aquilo que o Brasil tanto necessita.

Eu penso que o Brasil está no caminho que eu imaginava que devesse estar. Eu aprendi muito cedo na vida a entender que as coisas não acontecem fora de hora. As coisas têm um tempo de maturação, tudo tem um tempo de maturação. Eu acho que quando a economia brasileira começa a crescer, nós precisamos apenas enfrentar dois problemas: primeiro, ter muito cuidado com os pessimistas, que acham que aquilo não é uma coisa definitiva; ou aqueles que estão torcendo para a economia não crescer para poder justificar o seu discurso anterior; ou aqueles que acham que a gente deveria crescer muito mais rápido, sem levar em conta que só tem sentido o crescimento se ele for um novo ciclo duradouro de dez ou 15 anos; mesmo que não cresça sete ou oito, mas cresça quatro ou cinco, é preciso crescer de forma sistêmica para que a gente possa planejar, convencer empresários a investir, fazer os investimentos necessários, porque nós não temos mais o direito de causar uma frustração à sociedade brasileira.

Muitas vezes, a gente fica esperando uma mágica, e não existe mágica. O que existe é decisão política; o que existe é acerto na tomada de decisão. E



como eu sei, e tenho dito, desde o começo, que eu não vou jogar fora a chance que o povo brasileiro me deu. Não pensem que vocês fizeram pouca coisa na história da Humanidade, não. Não pensem. Possivelmente, um cidadão que votou em mim não tem consciência do gesto dele de, num país importante como o Brasil, depositar um voto num ser humano que não faz parte das classes que, tradicionalmente, exercem o poder neste país. E vocês me deram uma chance e eu vou sempre dizer: podem ficar certos, eu só tenho um valor na minha vida, que é a minha relação de amizade. E eu não quero ser medido porque eu fiz uma ou duas obras. Eu digo sempre que eu quero ser medido pelas coisas boas e pelo grau de satisfação que um ser humano sente. Eu digo sempre: quando eu deixar a Presidência da República eu quero ter conquistado o direito, mesmo que não tenha feito tudo que eu pensava fazer, de ter feito o máximo que estava ao meu alcance, para poder olhar na cara de cada companheiro, de cada metalúrgico, como eu estou agora, aqui, olhar os empresários, e não ter perdido o direito de chamá-los de companheiros.

Este é um legado que eu não quero jogar fora: o direito de andar de cabeça erguida. Não é muita gente que conquista, e quem conquistou, graças ao que vocês fizeram, podem ficar certos que nós vamos ter dias melhores do que o que estamos vivendo hoje, porque a economia vai continuar crescendo em 2005, vai continuar crescendo em 2006. E nós queremos que ela cresça de forma homogênea. Nós queremos que ela cresça levando em conta o desenvolvimento regional. Não pode crescer apenas o Sul e o Sudeste, é preciso olhar para o nosso Nordeste, é preciso olhar para o nosso Norte, porque nós precisamos fazer com que este país seja mais equânime, tenha mais riqueza distribuída de forma justa.

Eu, quando o lochpe estava falando dos estudantes, fiquei vendo vocês em pé e acho que fomos mal-educados, nem batemos palmas para os estudantes. E eu me lembrei, lochpe, o orgulho que vi, quando fui à festa em que 30 mil jovens estavam assumindo a farda das Forças Armadas brasileiras.



Fazia 15 anos que as Forças Armadas Brasileiras não conseguiam colocar mais que 65 mil pessoas como recrutas, e nós, este ano, colocamos 100 mil. Não é porque estamos em guerra, não, porque somos da paz. Para enfrentar a guerra, nós fazemos o que fizemos no Haiti, levamos a Seleção brasileira lá, para mostrar que nós queremos outra coisa e não a guerra.

Mas, nós convocamos 30 mil jovens a mais para que eles pudessem, no Exército, aprender sobre cidadania e, em convênio com o Senai, com o Sesi, com muitos empresários aprender, também, uma profissão, para que possam sair das Forças Armadas e ter facilidades para arrumar um emprego.

Eu sei o orgulho que vocês estão sentindo, porque eu sei o orgulho que a minha mãe sentiu quando pegou no meu braço, com 14 anos de idade, para andar a pé quase 8 quilômetros e ir no Senai fazer minha inscrição para um curso de torneiro mecânico. E, graças a um curso de torneiro mecânico, eu fui o primeiro de oito irmãos a ter uma profissão; eu fui o primeiro a ter uma casa própria; fui o primeiro a ter um carro. E, por conta disso, eu pude trabalhar numa indústria grande, virar presidente do sindicato, adquirir consciência política e chegar à Presidência da República.

Esse caminho, qualquer um de vocês pode conquistar. O que é importante é que a gente mantenha a nossa auto-estima elevada; o que é importante é que a gente faça como nosso maratonista, o Vanderley, que vocês viram, no final das Olimpíadas: ele passou quase 90% do tempo em primeiro lugar, correndo com as “canelinhas” mais finas do que a minha, mas correndo e, quando ele estava chegando perto, apareceu não sei quem lá e o segurou. Ele poderia ter desanimado, ter parado e ficado reclamando: “O mundo é contra mim”. O que que ele fez? Saiu no pinote, outra vez. Eu não sei se ele ganharia a medalha de ouro, mas o dado concreto é que o gesto dele, de não ficar reclamando – e não reclamou depois, também – foi de buscar aquele que era o seu objetivo: terminar a corrida num lugar de destaque.



A nossa vida é uma maratona. O sorriso que eu vi na cara de metalúrgicos, lá dentro; o sorriso que eu vi, o orgulho, o semblante de cada um, me faz sair daqui muito mais convencido de que este país não precisa de nenhum milagre, este país precisa apenas dar uma chance a si mesmo. E nós vamos dar, porque com o povo extraordinário que nós temos não tem porque a gente não dar certo.

Muito obrigado e boa sorte para todos vocês.